

## O ANTIGO HOTEL BALNEÁRIO SETE DE SETEMBRO: ARQUITETURA ECLÉTICA DE TENDÊNCIA CLÁSSICA

Maria Helena da Fonseca Hermes

Arquiteta, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Mestre em História e Crítica de Arte PPGAV/EBA/UFRJ, 2007/1

### 1. Introdução

O antigo Hotel Sete de Setembro é um conjunto arquitetônico construído na cidade do Rio de Janeiro, no contexto das comemorações do Centenário da Independência do Brasil em 1922, e pertence à Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Figura 1). Sua arquitetura singular lhe confere um destaque especial, não apenas pelo partido adotado ou por sua localização privilegiada às margens da baía de Guanabara e em frente ao Pão de Açúcar, mas também pelas circunstâncias especiais de sua construção à época, e por sua tipologia balneária.

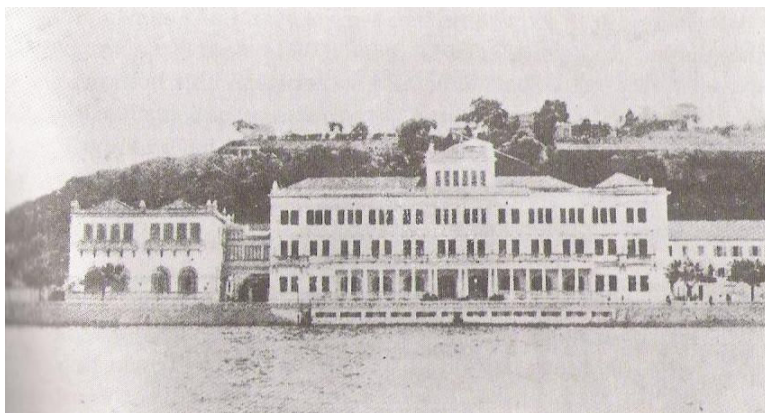


Figura 1. Hotel Sete de Setembro, 1922. Malta, 1922. Fonte: AGCRJ

O antigo Hotel Sete de Setembro foi inaugurado em 15 de julho de 1922 com um chá dançante, mas teve uma existência efêmera na função de hotel, que ainda é praticamente desconhecida.

O conjunto arquitetônico de ao menos quatro prédios com cabines de banho sob a avenida foi desmembrado em 1924, para que parte deles pudesse abrigar um hospital infantil denominado Hospital Abrigo Arthur Bernardes. Em 1926, os prédios fronteiros à Av. Rui Barbosa foram

cedidos ao Internato da Escola de Enfermagem Anna Nery que ali permaneceu até 1973 (Figura 2). Na função de abrigo do Internato funcionou como um pioneiro centro de formação e capacitação profissional contra doenças como a febre amarela e malária, encampadas nas atividades da Fundação Rockefeller americana<sup>1</sup> que, nesta época estabeleceu uma missão no Brasil e ocupou salas e espaços do Restaurante que era um dos prédios do antigo Hotel. De 1973 a 1995 os prédios passaram a abrigar a Casa do Estudante Universitário – CEU, nome pelo qual o conjunto arquitetônico ficou conhecido a partir de 1987, quando de seu tombamento pelo órgão de tutela estadual, INEPAC.



**Figura 2. Internato da Escola Anna Nery / UFRJ, 1926. Fonte: A Escola de Enfermagem Anna Nery Sua História Nossas Memórias**

Em 1995 a UFRJ retomou a posse do imóvel e em 1997 deu início ao processo para revitalização e restauração dos prédios para novo uso e, em 2000 obteve o apoio da lei federal de incentivo fiscal, lei Rouanet. A partir daí foram executados os levantamentos de campo, métricos e do estado de conservação de pisos, esquadrias, telhados e outros visando obter o registro das edificações, sua arquitetura e detalhes no estado anterior às intervenções previstas no anteprojeto de modificação de arquitetura datado de 1997<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> COELHO, Cecília Pecego. *A Escola de Enfermagem Anna Nery Sua História Nossas Memórias*. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1985.

<sup>2</sup> HERMES, Maria Helena e CARVALHO, Regina. *Cadernos de Registros Documento do Projeto de Restauro RB 762 UFRJ Rio de Janeiro: 2003*.

Assim, nosso objetivo é propor, a partir da análise do próprio objeto, sua arquitetura e do histórico de suas construção, autoria e tipologia, uma retomada e ampliação da valorização do patrimônio eclético remanescente na cidade, por conta não apenas da arquitetura, mas por sua inserção na história urbana.

## 2. Eclétismo e tipologia

Para suporte teórico, foram selecionados textos de Luciano Patetta, François Loyer e J.P. Épron, dentre os autores que tratam da reavaliação crítica da arquitetura eclética. Esta escolha foi feita por se tratarem de autores que estudam a revalorização do patrimônio eclético edificado sob diversos aspectos – desde aqueles especificamente arquitetônicos e urbanos até os mais amplamente culturais. Pretende-se então enfocar o o objeto de estudo como um imóvel carregado de significação histórica naquele momento da vida na capital do país, por uma ambição, como afirma Loyer, de “[...] propor eixos de leitura que ultrapassem a classificação puramente estilística das formas para estabelecer um diálogo entre os fenômenos sociais ou econômicos e as mentalidades, onde a arquitetura é o reflexo privilegiado <sup>3</sup>.”

As profundas modificações promovidas pela Revolução Francesa em toda a Europa se revelam indutoras e modificadoras das estruturas sociais e políticas vigentes numa velocidade nova e surpreendente e identificam para Loyer o desenvolvimento de um novo tipo de civilização, denominada por ele de “idade industrial”. Também se percebem avanços e novos parâmetros no processo de assimilação e transformação do projeto, do ensino e da construção, como questões relativas ao exercício profissional da arquitetura, como destaca Épron <sup>4</sup>, inclusive com a participação ativa do cliente. Ao arquiteto cabe ser o elo e o indutor do projeto à concretização da obra.

As observações teóricas sobre o papel do arquiteto no Eclétismo se conjugam com observações em textos de profissionais brasileiros publicados nas revistas técnicas da época, como abaixo na transcrição do texto de Gastão Bahiana em 1921:

---

<sup>3</sup> LOYER, François. *Le siècle de L'Industrie 1789-1914*. Paris: Editions d'Art Albert Skira, 1983. (capa).

<sup>4</sup> ÉPRON, Jean-Pierre. *Comprendre L'Éclétisme*. Paris: Éditions Norma, 1997. p. 19.

De outro lado, o verdadeiro architecto, almejando para sua obra o maximo da belleza, junto ao maximo da durabilidade, sem prejuizo da perfeita “conveniência” e das condições econômicas, não poderá ser apenas *artista* a cuidar da forma, mas também *engenheiro*, profundo conhecedor da technica das construções, desde as theorias da estabilidade até os detalhes praticos mais ínfimos das profissões elementares.<sup>5</sup>

Corroborando com a questão teórica foi encontrada uma citação de Nestor de Figueiredo na Revista *Architectura no Brasil*, relatando as considerações sobre o papel desempenhado pelo arquiteto como segue no texto abaixo:

Há muita gente de gosto que completa admiravelmente a obra do architecto. Mas estas pessoas prezizam sentir que suas sujestões sejam só e exclusivamente o sufficiente para orientar o architecto no seu ponto de vista pessoal. Assim, harmonizados, architecto e cliente, o producto da obra de arte é muito mais perfeito: o esforço desenvolvido pelas duas partes: o architecto interpretando o pensamento do cliente e o cliente facilitando ao architecto as suas idéias, é muito mais productivo e sobretudo de consequências artísticas muito mais nobres.<sup>6</sup>

O período do Ecletismo arquitetônico está associado também, segundo Patetta<sup>7</sup>, ao acesso às informações e ao conhecimento ordenado segundo as tipologias das edificações a partir dos levantamentos métricos, estudos e tratados sobre processos de reconstrução e de restauração, além da assimilação de outras culturas, não-européias, num painel mais abrangente e detalhado sobre as construções do passado. Uma outra questão discutida por este autor, desperta o interesse para a questão da sociedade burguesa e suas reivindicações, exigindo melhorias técnicas visando conforto e facilidades. Estas demandas foram fundamentais para a agilização e constantes adaptações nas edificações, sobretudo pela inclusão de novas possibilidades e a diversidade de produtos promovidos pela industrialização.

Utilizou-se também, na rearticulação da questão teórica, do conceito de tipo e modelo descritos por Argan<sup>8</sup> a partir de Quatremère de Quincy, identificando o tipo como uma idéia, um conceito, portanto vago e impreciso e o modelo como um objeto físico, uma coisa, um artefato.

---

<sup>5</sup> ARCHITECTURA NO BRASIL – BAHIANA, Gastão. *O architecto no Brasil*. Petrópolis, 8 de setembro de 1921. Rio de Janeiro: 1922, p. 3.

<sup>6</sup> ARCHITECTURA NO BRASIL – FIGUEIREDO, Nestor de. *A campanha pela architectura um dos obstáculos*. Rio de Janeiro: Junho, Julho, 1922. p 32.

<sup>7</sup> PATETTA, Luciano. *Considerações sobre o Ecletismo na Europa*. In FABRIS, Annateresa (org.) *Ecletismo na arquitetura Brasileira*. São Paulo: Editora da USP / Nobel, 1987.

<sup>8</sup> ARGAN, G. C. *Projeto e Destino*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

A partir dessas informações, tratou-se de procurar o conjunto tipo ao qual pertence o hotel balneário carioca pesquisando a trajetória da hotelaria na França, com ênfase na *Côte D'Azur*. Em uma breve revisão foram demonstrados significativos incrementos na hotelaria e serviços correlatos, associados aos deslocamentos e viagens, por conta do desenvolvimento das linhas férreas e de toda uma parcela de bens e serviços nascente a partir da Revolução Industrial, permitindo vencer as grandes distâncias de forma acessível e para uma parcela maior de pessoas. No caso do desenvolvimento litorâneo e balneário francês no Mediterrâneo, localidades de início procuradas para fins curativos e de tratamento, e logo após de caráter preventivo, passaram a desenvolver uma série de atrativos, como estabelecimentos de luxo, cassinos e uma vida social agitada. Assim, a região denominada de *Côte D'Azur* que compreende de *Marseille* até a Ligúria, observou enormes demandas para desenvolvimento, benfeitorias, conforto e infra-estrutura de apoio atualizada com as últimas tendências dos grandes centros, em especial Londres e Paris <sup>9</sup>, na época. Sintonizados no cenário dessa expansão e nos deslocamentos das famílias estão os hotéis, as estações de tratamento e as estações balneárias, indicando novos caminhos e incentivando uma gama de serviços não disponibilizada antes fora dos grandes centros. A região mediterrânea da *Côte D'Azur* foi recortada como aquela de interesse, como inspiração e tipologia do Hotel Sete de Setembro, no Rio de Janeiro, visando compor um quadro comparativo com vários *hôtels de voyageurs* <sup>10</sup> e, dentre eles, um recorte no conjunto dos últimos quartéis do século XIX e primeiro quartel do século XX em Cannes. Assim foi eleito um conjunto com a mesma tipologia e aspectos morfológicos do repertório ornamental da arquitetura eclética do objeto de estudo no Brasil.

Observou-se que a tipologia balneária das *villégiatures de bord de mer* francesas define uma predominância horizontal, voltada para a paisagem cuja distribuição em planta privilegia espaços que promovam a interligação do interior com o exterior. Destacam-se então os mirantes, terraços e balcões, sacadas, *loggias* e varandas, pátios internos e pórticos cobertos. As linhas do desenho das fachadas se organizam em tramos, segundo sua

---

<sup>9</sup> TOULIER, Bernard. *Architecture des Villes d'Eaux: Stations Thermales et Stations Balnéaires*. Disponível em: [www.culture.gouv.fr/culture/inventai/telechar/bt02.pdf](http://www.culture.gouv.fr/culture/inventai/telechar/bt02.pdf)

<sup>10</sup> Base Merimée. Disponível em: [www.culture.gouv.fr/documentation/memoire](http://www.culture.gouv.fr/documentation/memoire). Acesso em: janeiro 2007.

distribuição interna associada a estrutura, numa trama articulável, ainda sob a influência da planta *beaux arts*<sup>11</sup>. As aberturas se voltam para a paisagem e para as circulações permitindo a teatralização social do jogo do ver e ser visto para o cliente usuário desses espaços realizarem a expectativa de vivenciar de estar, segundo Bernard Toulier “entre o prolongamento de sua vida de origem e seu antídoto”.<sup>12</sup>

### 3. O Hotel Balneário Sete de Setembro

O hotel balneário Sete de Setembro foi implantado na Avenida do Contorno no Flamengo, no sopé do Morro da Viúva e em frente ao Pão de Açúcar, por iniciativa e designação do prefeito Carlos Sampaio (1920-1922). Esta avenida, logo denominada Avenida Rui Barbosa, foi aberta na rocha por conta da retirada de pedras para o enrocamento da esplanada do Castelo no centro da cidade, parte dos preparativos da capital para sediar a Exposição Internacional do Centenário da Independência.

Segundo o prefeito Carlos Sampaio, estes serviços eram considerados anexos aos do desmonte do Castelo e o hotel foi construído pela Prefeitura sobre a desapropriação dos prédios das oficinas de Antonio Jannuzzi<sup>13</sup>, conhecido construtor italiano radicado no Rio de Janeiro, para receber visitantes dos festejos do Centenário, como segue:

A falta de hotéis para as festas do Centenário e o aproveitamento da sólida construção que existia nesse lugar, é que determinaram a minha resolução de utilizar as sobras não necessárias à abertura da avenida para a construção do Hotel Sete de Setembro, que, repito mais uma vez, teria sido vendido por mais de 5000 contos, se na véspera do leilão o Conselho Municipal não tivesse declarado ilegal a venda.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> PEREIRA, Sonia Gomes. *Desenho, composição, tipologia e tradição clássica – uma discussão sobre o ensino acadêmico do século 19*. In FERREIRA, Glória, VENANCIO FILHO, Paulo (org.) Arte & Ensaio n.10. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes, UFRJ, 2003.

<sup>12</sup> TOULIER, Bernard. *L'influence des guides touristiques dans la représentation et la construction de l'espace balneaire (1850-1950)*. Exposé donné dans le cadre du colloque de l'université ParisVII-Diderot, 3-4 décembre 1998. <http://www.culture.gouv.fr/culture/inventai/telechar/bt02.pdf>.

<sup>13</sup> RIO de Janeiro: Imagens da Aviação Naval 1916 – 1923/ textos de Luiz Fernando Vianna, tradução de Martha Boot e Robert Boot. Rio de Janeiro: Argumento Editora, 2001.p 78 – 82.

<sup>14</sup> SAMPAIO, Carlos. RIO DE JANEIRO (DF). Prefeito (1920-1922: Carlos Sampaio). Documentos encadernados sob o título *Principaes Discursos e Artigos do Prefeito Carlos Sampaio 8 de Junho de 1920 a-15 de Novembro 1922*. *Administração Municipal do Governo do Presidente Epitácio.*, p. 111.

Além disso, essa construção tinha como objetivo dar “o exemplo com a construção de um grande e excelente hotel com um restaurante”<sup>15</sup> para as demais construções ao longo da nova avenida. Mas as opiniões manifestadamente controversas com relação às atribuições da Prefeitura e aos gastos para a construção desse monumento, revelam que o empreendimento do Hotel Sete de Setembro ficou marcado por críticas ferrenhas passando a ser identificado, logo após a gestão de Carlos Sampaio, não como Hotel, mas como um símbolo de malversação do dinheiro público<sup>16</sup>.

Descobriram-se ainda, na mesma época, outras iniciativas públicas de fomento e apoio às construções hoteleiras que tivessem estabelecimentos ou facilidades balneárias, denotando a importância e ações pragmáticas de planejamento urbano privilegiando e incorporando esta outra percepção, litorânea, da cidade carioca. Dois outros hotéis estavam sendo construídos simultaneamente ao Sete de Setembro na cidade, o Hotel Glória e o Copacabana Palace, sendo que este último<sup>17</sup>, não ficou pronto a tempo do evento do Centenário.

Foram encontrados apenas os desenhos das fachadas dos prédios do Hotel Sete de Setembro e do Restaurante fronteiros à avenida, em papel manteiga desenhado em cores, com as assinaturas de Jannuzzi e Carlos Sampaio, datado de novembro de 1921. Observa-se com clareza nos desenhos e nas imagens de época (Figuras 1 e 2) a preferência pela horizontalidade e o uso de todos os recursos de integração entre o interior e o exterior, nos espaços projetados da *loggia*, terraços e balcões, mirante, além da disposição das enormes esquadrias do Restaurante e uma nítida preferência no número de vãos na fachada fronteira à paisagem. A opção se dá, portanto, no sentido de atender aos parâmetros distinguidos como aqueles capazes de permitir o jogo teatral do ver e ser visto encenado pelas elites, como referenciado para estabelecimentos de *hotels de voyageurs* na *Côte D’Azur*. Além disso, cenograficamente ambientado na paisagem, concretiza uma afinidade ímpar com o Morro da Viúva e suas pequenas discretas construções como uma retaguarda bucólica, quase uma pintura destacando

---

<sup>15</sup> SAMPAIO, Carlos. Apêndice II. Relatório da Directoria de Obras da Municipalidade em Outubro de 1922., p. 190 - 191.

<sup>16</sup> HERMES, Maria Helena da Fonseca. *O Hotel Sete de Setembro e a arquitetura balneária do ecleitismo tardio no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2007 (Dissertação de Mestrado PPGAV/EBA/UFRJ)

<sup>17</sup> BOECHAT, Ricardo. *Copacabana Palace; um hotel e sua história*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1998.

sua proximidade com a beira mar que, se houvesse sido vivenciada como hotel balneário, teria estabelecido atributos poéticos e estórias românticas para os hóspedes em veraneio.

Com relação ao porte e sua construção, é necessário lembrar que suas edificações correspondiam, na época, a quase o dobro do volume de construção identificada como sendo o Hotel Sete de Setembro atual, com pouco mais de 5 mil metros quadrados. Segundo Carlos Sampaio<sup>18</sup>, o complexo incluía um Hotel, um Restaurante e cabines para banhos de mar. Ao declarar que o Hotel possuía 257 quartos, número superior ao do Hotel Glória, construído com 250 aposentos, confirmou-se a existência de ao menos mais um prédio com a função de Hotel, porque o prédio considerado como o do Hotel, teria, pela sua planta baixa obtida na UFRJ em 1997, no máximo, 120 aposentos.

Os corpos dos prédios do Hotel e do Restaurante se distinguem com maior destaque na composição legando à passarela coberta de ligação entre as duas edificações e as cabines de banho a posição de uma solução complementar ao conjunto. Num primeiro momento, o olhar repousa e observa a disposição ordenada e simétrica dos inúmeros vãos de esquadrias do Hotel, (Figura 1) e uma proporção quase quadrada para o Restaurante, com balaustradas e terraço no primeiro pavimento. Neste último prédio, um olhar crítico pode enxergar uma prevalência dos vazios sobre os cheios, que não se confirmam na imagem da edificação construída, embora os vãos de esquadrias no primeiro e segundo pavimentos estejam bem marcados numa solução de arcos plenos de grandes proporções. Como se considerou na pesquisa que o prédio do Restaurante resultou de aproveitamento significativo de uma das oficinas, admitiu-se também que foi a sua fachada frontal à avenida aquela construída para atender à nova função. Enquanto este prédio apresenta todas as suas fachadas igualmente ornamentadas, o prédio do Hotel se equipara a este em luxo apenas na fachada principal. Nos desenhos e também nos prédios, percebe-se uma modulação rígida em inteiros, meios e frações, assim como alinhamentos precisos dos ornamentos nos desenhos e, também, na construção propriamente dita. O corpo do Restaurante tem a disposição geométrica de um polígono com a volumetria de um paralelepípedo, destacando o prédio por sua forma quase quadrada, tanto em fachada como plantas baixas, com um ângulo na

---

<sup>18</sup> SAMPAIO, Carlos. *Administração Municipal do Governo do Presidente Epitácio. Uma defesa do Sr. Carlos Sampaio* apud Correio da Manhã 3 de Janeiro de 1923 in [s.]; s.nº, 1923. p. 104.



parte posterior. A edificação com dois pavimentos num corpo único com quase 16 metros de altura apresenta simetria a composição da fachada principal se repete nos dois tramos de 8.80m e se salienta mais pelos cheios que pelos vazios, apesar das enormes esquadrias envidraçadas dos salões nobres no 1º e 2º pavimentos. Esses grandes vãos de acesso do salão nobre ao balcão são, sem dúvida, os elementos dominantes da fachada. Inteiramente revestidas em argamassa desempenada sobre alvenaria de tijolos maciços, as fachadas apresentam sulcos rasos fresados em rusticações, formando faixas horizontais em toda a altura do prédio. Materiais nobres como o mármore de Carrara, frisos de madeira em dois tons e pastilhas sextavadas formando desenhos salpicados nos pisos são materiais encontrados nas duas edificações nas áreas nobres e comuns das duas edificações. Podem ter sido provenientes dos depósitos das oficinas<sup>19</sup>, importadas para outras construções.

No Hotel, percebe-se equilíbrio entre cheios e vazios além da marcação do centro que é o acesso principal da edificação e um pequeno destaque aos cunhais, num total maior que quatro mil metros quadrados de construção. O Hotel é um prédio imponente, porém sua ornamentação é discreta. O volume se distribui em três pavimentos e um corpo central se eleva em destaque num quarto pavimento, marcando o eixo da construção e sua simetria. Ligeiramente elevado acima do meio-fio, como se observa na foto de Malta, o prédio se dispõe quase em linha única, evidenciando uma silhueta alongada junto à caixa de rolamento da avenida. Ainda a partir da mesma imagem, se pode observar que há um ritmo muito marcado, onde sobressaem os vãos das esquadrias intercalados pelas colunas de ordem monumental. Aliás, o ritmo das esquadrias, o terraço do segundo pavimento, o corpo elevado do quarto pavimento e a colunata da *loggia* no primeiro piso se constituem, num primeiro olhar, nos elementos de maior destaque neste exemplar eclético balneário de tendência clássica. O corpo do prédio do Hotel tem disposição geométrica retangular de um paralelepípedo alongado. Em planta baixa, sua organização espacial corresponde a um grande retângulo no qual se traçam os pátios, em dois retângulos internos menores e simétricos em relação ao eixo central. Nota-se que há uma perfeita correspondência entre estes dois planos, o de topo da fachada e o de projeção horizontal, da planta baixa. A distribuição

---

<sup>19</sup> HERMES, Maria Helena e FERRAZ, João. *Projeto de Restauração e Uso do Hotel Sete de Setembro*. Rio de Janeiro: 1999. p. 33.

interna de suas plantas se faz, diferentemente do prédio do Restaurante, por meio de longas circulações horizontais que circundam os pátios internos e se ligam aos dois *balls* de escadas. A fachada principal de três pavimentos num corpo único com 57,50 metros de comprimento e com quase 18 metros de altura se salienta mais pelos vazios que pelos cheios, por conta do grande número, ritmo e modulação do número de esquadrias. As demais fachadas se destacam mais pelos cheios que pelos vazios.

A harmonia da modenatura na fachada principal do Hotel é o grande diferencial entre esta e as demais fachadas, inclusive aquelas internas, dos dois prismas formados pelos pátios internos. O movimento desta fachada se dá de maneira discreta e sensível, destacado principalmente no conjunto de molduras e cercaduras dos vãos dos aposentos, compreendidos no segundo e no terceiro pavimentos, organizados segundo o ritmo da composição prevista numa malha ortogonal. O repertório formal utilizado para os ornamentos é recorrente aos motivos encontrados no conjunto pesquisado na Cote D'Azur: mísulas, consoles, cornucópias, focinhos de leão, balaustradas, arco pleno, ornamentos vegetais e dentículos, capitéis e outras referências que formam um grande conjunto de interseção entre os exemplares franceses e este, carioca.

Os ambientes e espaços nobres de seu interior, embora não possam competir em luxo com aqueles do Copacabana Palace, destacam-se por dimensões, ambiência e especificações similar aos padrões encontrados em outros estabelecimentos no exterior.

## Conclusões

Confirmada a tipologia e similaridades com exemplares da arquitetura eclética balneária da *Côte D'Azur*, descobriu-se ser possível afirmar a existência de uma tipologia balneária na cidade do Rio de Janeiro, representada em vários exemplares dessa época, atendendo a um planejamento urbano objetivo e pragmático. Descobriu-se ainda haver uma orientação político administrativa para a execução de hotéis balneários na Capital, por volta de 1920. Segundo o conceito de tipo utilizado, algumas tendências e estilos foram mais enfatizados na cidade, sendo a de caráter eclético com tendência clássica, em que se enquadra o Hotel Sete de Setembro, a mais destacada.

Conquanto o Hotel Sete de Setembro não possa ser considerado o exemplar mais luxuoso, ao menos se comparado ao Copacabana Palace, sua ambientação, salões, aposentos, facilidades e comodidades certamente o

distinguiam como capaz de dar conta das expectativas de luxo e conforto no padrão esperado pelas famílias de alto poder aquisitivo da época. Devido ao padrão nas características estudadas, somado à sua privilegiada localização, considera-se o conjunto apto para cumprir a missão “de atuar na continuidade da vida burguesa e ao mesmo tempo ser seu antídoto”<sup>20</sup>. Constatou-se que a análise do objeto acrescida do histórico da construção, autoria e tipologia foram relevantes para a retomada da valorização do patrimônio edificado remanescente na cidade, por conta não apenas da arquitetura, mas por sua inserção na história urbana, como um monumento carregado de significação histórica, figurando como uma peça alvo de disputas no jogo político da Capital em 1922. Essa abordagem pretende então ter a abrangência necessária para inserir o objeto de estudo num contexto maior e além da simples descrição de seu projeto e do relato de sua execução, dando conta de revelar sua singular importância como monumento e no planejamento urbano na cidade do Rio de Janeiro. Esta conjugação de fatores, associada às várias soluções bem sucedidas na preservação de imóveis tombados, autoriza a percepção e interesse pelo período do Eclétismo arquitetônico, como uma das identidades da cidade.

É do interesse desse trabalho, portanto, considerar os prédios do Hotel Sete de Setembro como parte significativa do patrimônio eclético herdado do momento em que a cidade, então capital do Brasil se descobriu e se valorizou a partir de uma nova percepção para a sua privilegiada e ímpar implantação litorânea.

---

<sup>20</sup> TOULIER, Bernard. *L'influence des guides touristiques dans la représentation et la construction de l'espace balneaire (1850-1950)*. Op. cit., p. 1.